

O heroísmo de ser comum ou além da massa pelo feminino

Bárbara Guatimosim*

Da última vez opus o herói ao homem comum, e alguém se ofendeu. Não os distingo como duas espécies humanas – em cada um de nós há a via traçada para um herói, e é justamente como homem comum que ele a efetiva.¹

“Psicologia das massas e análise do eu” (*Massenpsychologie und Ich-Analyse* – 1921) fez 100 anos sem deixar de ser um texto atualíssimo e constrangedor. Como quase sempre acontece em Freud, extraordinariamente simples e enormemente complexo. Para começar escreve em sua introdução que “a psicologia individual (*Individualpsychologie*) é, ao mesmo tempo, também psicologia social (*Sozialpsychologie*)”² para depois dizer com Le Bon, que o indivíduo em grupo se distingue do indivíduo em isolamento. Aqui podemos ainda observar uma distinção conceitual a partir de Lacan: a de que o indivíduo não é idêntico ao sujeito, que não é uno e sim dividido, assim como seu sucedâneo, o ser falante (*parlêtre*). “A massa psicológica (*psychologischen Masse*) é um ser provisório, formado por elementos heterogêneos (*heterogenen Elementen*)”³ O todo não é a soma das partes. O que aconteceu? Qual é elo entre cada um e a massa? Entre a psicologia individual e a social? parece perguntar Freud...

Freud caminhando na reflexão com Le Bon, destaca que o que distingue os indivíduos se desvanece, se apaga na massa, o hetero submerge no homo, a superestrutura psíquica (*psychische Oberbau*) que apresenta as dessemelhanças é removida, e o fundamento inconsciente que é semelhante a todos fica exposto.

Mas se desaparecem dotes particulares em cada um, aparecem alguns aspectos novos: o indivíduo na massa cresce em poder, irresponsabilidade. Constata-se alta sugestibilidade e contágio, chegando à alienação hipnótica – tipo de amor que convém à massa e o favorece mas, como veremos, não de modo civilizatório.

Além disso, pelo simples fato de fazer parte de uma massa organizada, um homem desce vários degraus na escada da civilização. Isolado, pode ser um indivíduo culto; na massa, é um bárbaro, ou seja, um ser impulsivo (*ein Triebwesen*). Possui a espontaneidade, a violência, a ferocidade e também o entusiasmo e o heroísmo dos seres primitivos.⁴

Na massa todos os atos impensáveis são possíveis; todos os atos infantis e impulsivos podem ter lugar mesmo que ameace a integridade de seus membros, já que o impossível – o real da castração – não se coloca. Quando incitado por uma autoridade ou uma ideia, o indivíduo massificado (*Einzelne*) é capaz das piores violências. Entretanto, se a inteligência e a conduta caem em níveis medíocres e inferiores na massa, a sua conduta ética também pode elevar-se em direção a ideais. Os indivíduos agrupados são capazes das piores coisas, mas também das melhores.

Neste texto Freud mostra que não só o homem é um ser social, apesar disso não ser uma novidade, pois muitos animais o são, mas eles se agrupam de maneiras específicas, colocando em suspeita uma “pulsão gregária” (*Herdentrieb*). O que é uma

* Psicanalista, Fórum do Campo Lacaniano BH.

massa? ⁵ Quais alterações produz em um indivíduo um movimento de massa? – perguntas que seguem regendo a reflexão de Freud.

Freud então distinguirá, apelando para outros autores, as aglomerações transitórias por ex., revoluções que podem configurar uma massa ou multidão, de outros grupos organizados, instituições estáveis por princípios, hierarquias, líderes ou ideais (igreja e exército). Mas qualquer multidão de humanos dificilmente pode se reunir sem possuir rudimentos de uma organização, como uma condição para que um grupo aconteça: Freud, citando McDougall exige para qualquer grupo algo ou um objeto em comum entre os membros e também “certo grau de influência recíproca”. Isto perfaz, segundo Freud, uma “homogeneidade mental” (*mental homogeneity*) que quanto maior, “mais prontamente os indivíduos constituem uma massa psicológica e, mais notáveis são as manifestações da alma coletiva (*Kollektivseele*)”.⁶

Mas na medida em que segue em seu texto percorrendo o caminho a que conduz suas perguntas, Freud também vai chegando ao que faz obstáculo à massa, além do que condiciona sua aglutinação. Na massa, o amor egoísta, narcísico sofre limitações onde têm lugar outros laços de interesse, de trabalho. Os impulsos sexuais e o amor, que pode acompanhar os primeiros ou se acrescentar a eles, também são um obstáculo ao grupo: os casais se bastam. A neurose também está associada ao que impede o laço grupal podendo encontrar, por outro lado, arrefecimento no elo social. “Pode-se dizer que uma neurose tem sobre a massa o mesmo efeito desintegrador do enamoramento. Por outro lado, parece que onde foi dado um poderoso ímpeto à formação da massa (*Massenbildung*), as neuroses podem diminuir ou, pelo menos temporariamente, desaparecer. Justificáveis tentativas foram feitas para situar esse antagonismo entre as neuroses e as formações de massa a serviço da terapêutica.”⁷ Mas que tipo de vinculação se trata? voltaremos a isso. Uma grande mentira ou pelo menos questão aberta: “Torne a mentira grande, simplifique-a, continue afirmando-a, e eventualmente todos acreditarão nela.”⁸

Freud defende, apoiado em Otto Rank e citando seu livro “O mito do nascimento do herói” (1914), que este mito conta uma mentira sobre a destituição do pai da horda⁹. O primeiro poeta épico pode ter sido alguém que inventou o mito do herói como único autor da façanha do assassinato do pai.¹⁰ Ora, sabe-se pelas narrativas heroicas que nunca se alcançam proezas sem auxílios de outros. Nos mitos e contos de fadas surgem sempre ajudas, por vezes inusitadas: pequenos animaizinhos, deuses compadecidos...

Freud experimentou solidão e isolamento no inventar da psicanálise e no desenvolvimento de seu ensino; mas, para cria-la, dialogou com inúmeros pensadores e nunca pensou em sustentá-la sozinho... Lacan quando nos diz na “Ata de fundação de 1964” “Fundo – tão sozinho como sempre estive em minha relação com a causa psicanalítica”¹¹ é uma grande mentira, pois nunca esteve tão sozinho assim. Certamente, o desamparo é irreduzível em cada um e solitário é o ato responsável. Mas se este ato se mantém ou é relançado na cultura e no tempo, não se sustenta apenas por um.

Há um aparte importante de Freud no texto que ora trabalhamos: “Quanto ao desempenho intelectual, permanece um fato, na verdade, que as grandes decisões no domínio do pensamento e as momentosas descobertas e soluções de problemas só são possíveis ao indivíduo que trabalha em solidão.

Contudo, mesmo a alma da massa é capaz de criações espirituais geniais, como é demonstrado, antes de tudo, pela própria linguagem, bem como pelas canções populares, folclore e outras coisas. Sobretudo, permanece em aberto o quanto o pensador ou o poeta, individualmente, deve à moção da massa na qual vive, e se ele não faz mais do que aperfeiçoar um trabalho anímico (*seelischen Arbeit*) em que os outros tiveram parte simultânea.¹²

Se mesmo em um ato solitário de criação podemos suspeitar da participação de muitos, a massa nunca estará excluída da emergência de uma liderança. Pergunta Freud: O que transforma a psicologia de massa em psicologia individual? “Como é possível entre as abelhas transformarem, em caso de necessidade, uma larva em uma rainha em lugar de uma operária?”¹³ Se o líder é escolhido pelo ideal do eu na vertical promovendo a identificação na horizontal entre a massa irmanada, aos irmãos cabem declarar quais traços elegem como ideais sendo por eles comungados, mas curiosamente pouco é dito do que pensa aquele que foi colocado na posição de líder. O que podemos constatar em líderes em que o poder os tornou absolutos é que eles nutrem pela massa obediente e submissa um profundo e infinito desprezo. Freud descrevendo a horda e o pai constata: “Ainda hoje os indivíduos massificados permanecem na necessidade do fingimento de serem igual e justamente amados por seu líder (*Führer*); ele próprio, porém, não necessita amar ninguém, pode ser de uma natureza dominadora, absolutamente narcisista, auto confiante e independente”,¹⁴ a ponto de obrigar a massa a sacrifícios de toda ordem e mesmo à morte sumária.¹⁵ O amor *alter*, não hipnótico, narcísico ou incestuoso, mas como processo civilizatório, põe freio ao poder narcísico do líder. Logo, o processo civilizatório pode sofrer retrocessos se o macho alpha exerce seu poder escravizando seguidores e, como um animal violento, marca seu território, forçando os outros à psicologia de massa.

“Eu acredito em só uma coisa, o poder da vontade humana” Nesta frase atribuída a Joseph Stalin, e sabendo do terror que gerou essa liderança, podemos ouvir algo do que Freud marcou em seu texto sobre o narcisismo como a “involução da sublimação” na parafrenia¹⁶, a contrapartida de um império da vontade, ou uma “idealização da pulsão” como destaca Sérgio Becker em texto assim intitulado.¹⁷

Qual o lugar da mulher na mentira do mito do herói, na massa, e para além?

Freud parte do postulado que havia entre os homens um matriarcado ou domínio das mulheres antes do pai da horda assumir o poder.¹⁸ Quando sobreveio a tirania do pai castrador, que exercia o poder sobre todas as mulheres impedindo aos filhos o acesso a elas, os irmãos da horda o mataram, mas

Ninguém da massa de vencedores podia tomar o seu lugar, ou, se algum o fez, retomaram-se os combates, até compreenderem que deviam todos renunciar à herança do pai. Formaram então a fraternidade totêmica, todos com direitos iguais e unidos pelas proibições totêmicas que se destinavam a preservar e a expiar a lembrança do assassinato.¹⁹

A este ato sucedeu, portanto, uma comunidade democrática. Mas em um movimento de repetição, novamente o homem torna-se o cabeça da família dominando as mulheres:

Contudo, a nova família era apenas uma sombra da antiga; havia um grande número de pais e cada um deles limitado através dos direitos dos outros. Naquela época então algum indivíduo, em saudosa privação, veio a se desprender da massa e se fez substituir no papel do pai. Quem fez isso foi o primeiro poeta épico e o avanço foi consumado em sua fantasia. Esse poeta mentiu sobre a realidade no sentido de sua nostalgia: ele inventou o mito heroico. Herói era quem, sozinho, trucidou o pai — que aparecia no mito como um monstro totêmico. Como o pai foi o primeiro ideal do menino, assim o poeta criou no herói o primeiro ideal do eu que quer substituir o pai. O enodamento (*Anknüpfen*) no herói foi provavelmente oferecido pelo filho

mais jovem, o queridinho da mãe (*Mutter*), filho que ela protegera do ciúme paterno e que, nos tempos da horda originária, foi o sucessor do pai. Nas mentiras poéticas do tempo originário, a mulher (*Weib*), que era o prêmio da luta e a isca para o assassinato, foi provavelmente transformada na sedutora (*Verführerin*) e na instigadora ativa do crime.²⁰

Nessa versão mentirosa a mulher/mãe incestuosa recria o mito do pai poderoso na figura do Herói que “quer ter realizado o ato sozinho, o que certamente só a horda como um todo ousou.”²¹ O herói se inventa como exceção, evitando a castração, uma variação das “Exceções” que Freud constata no caráter de alguns tipos clínicos. É uma maneira de libertar-se da massa tomando o lugar do pai e repetindo o processo. Mas Freud está assegurado que ninguém comete solitariamente um ato como este.

Freud, diferentemente em “Totem e Tabu” (1912-13) explora a ideia anti-incestuosa da prática da exogamia como consequência da interdição produzida pelo assassinato do pai, lei totêmica que faz corte ao gozo endogâmico, liberando os homens para outras mulheres, outras famílias.²²

A exogamia como fator civilizatório retornará no texto sobre a psicologia das massas opondo claramente a massa à civilização. “Do mesmo modo (que o amor sexual é incompatível com as grandes massas artificiais como a igreja e o exército), o amor pelas mulheres rompe as ligações de massa raciais, segregações nacionais (*nationalen Absonderung*) e ordenações de classes sociais, alcançando assim importantes conquistas culturais (*kulturell*).”²³

Voltando ao mito do herói é por essa mentira que quando um tirano ou um líder monstruoso chega ao poder, não basta escorraçá-lo, porque sendo o líder um sintoma, não o abordamos na lógica da eliminação e nem desse lugar que é de estrutura.

Freud em dois momentos mostra seu interesse em explorar com ênfase especial massas com líderes e sem líderes, questão que ocupou muita pouca atenção dos que se detiveram sobre o assunto.²⁴ “Teremos de nos interessar, acima de tudo, pela distinção existente entre as massas que possuem um líder e as massas sem líder [...]. Surgiria então a questão de saber se o líder é realmente indispensável à essência de uma massa.”²⁵ Freud aí se pergunta algo que pensamos em dar continuidade como uma possibilidade de agruparmos-nos de outra maneira.

Mas Freud parece achar que não, afirmando diversas vezes que o ser humano é um animal de horda obediente a um chefe e o que se pode fazer diante de tantas guerras e violências é educar o líder na renúncia pulsional e na primazia da razão,²⁶ é o que ele nos prescreve também em sua carta a Einstein, “Por que a guerra?”. Freud nos diz que a unificação das massas pelo poder dos governantes não garante a paz, e que como pacifistas não podemos concordar com a guerra, (isso por motivos orgânicos e constitucionais) pois esta vai contra tudo que favorece o processo da civilização que, para Freud, é o domínio da vida pulsional pelo racional. Essa solução Freud defenderá em sequência em “O futuro de uma ilusão” (1927) e no texto “O mal-estar na cultura” (1930) não sem levantar os problemas que essa renúncia pulsional acarreta.

Entre um mito e seu retorno caminha boa parte da humanidade e gostamos de pensar que poderíamos ir além das lideranças heroicas e messiânicas que recuam o processo civilizatório e impedem o avanço político.

Se Freud orienta a solução dos problemas de massa em direção ao líder racional que recalca o pulsional, Lacan suspeitará tanto da razão kantiana como da moral sadéana. Ele tratará o pai da horda como um algo pouco crível (papai orango²⁷) e a ser superado também na teoria pela estrutura,²⁸ apesar de reconhecer o anseio de todos pelo Um. Lacan não abre mão da castração ou interdição ao todo figurada de várias maneiras desde a

metáfora paterna, a barra da qual padece o sujeito, passando pela incompletude que provoca o enodamento de RSI, até o corte de operação derradeira em S(A/). Ao consentir definitivamente com a castração, Lacan, anti-herói, aposta ainda na vergonha, ou melhor, em uma “vergontologia” (*hontologie*) fazendo uma homenagem a Hegel e à sua ousadia: a necessidade da luta entre o senhor (significante mestre) e o escravo (o sujeito em sua sujeição) e sua contingente subversão: “A gente não pode se impedir de sonhar, é claro, nem de procurar saber quem fez isso primeiro, e então se encontra a beleza do jogo em que o senhor devolve a bola ao escravo. Mas talvez seja simplesmente alguém que sentia vergonha, que se lançou assim para frente.”²⁹ Isso é reconhecer o não todo poder. Mas há algo da mais valia que é impagável assim como a dívida simbólica. É preciso saber fazer com esse resto. Perda pura. Um reconhecimento do outro que não seja simplesmente uma revolução, uma inversão das posições egóicas ou individuais, mas uma subversão. Algo que ocorre também na experiência da subversão analítica: a queda do SsS e o des-ser do analista, destituição de poder, destituição do eu, junto à emergência do ser do sujeito (*parlêtre*). Nessa lógica coletiva reconhecemos que pouco somos sem o outro e que nada ou muito pouco fazemos sozinhos, porque o outro faz diferença. Sair da psicologia de massa por ser comum. Somos todos castrados... mas diferentes.

Desde o campo do gozo, campo lacaniano, apostamos em alternativas aos coletivos conduzidos, com Lacan desde a lógica não-toda do cartel como uma lógica extensível. Uma lógica da “comunidade da experiência”³⁰ analítica. Nos cartéis, o mais-um não é mestre, mas pode ser qualquer um que circula, se reserva, se reveza, cuida do encaminhamento dos trabalhos e do respeito às diferenças. Nesses coletivos não guiados por líderes, onde há participantes e não seguidores, a distintividade do gozo de cada um pode não se perder: eis a diferença que uma causa como a do desejo dá valor absoluto e não relativo e, sendo assim, o gozo do próximo pode ser suportável e mesmo desejável para cada um (em uma prática não segregacionista, anti-racista).

A função psicanalítica é pacifista porque trabalha pela diferença; porque nossa práxis é exogâmica por definição: desejo de diferença. Eis nosso ponto pacífico. A feminilidade civiliza o gozo e faz laço de “Outra” maneira. Prática não-toda que acolhe a pulsão de morte enquanto separação em jogo com Eros: desejo de diferença desde a clínica em intensão, à extensão desse desejo até às fronteiras tribais, já que falamos de horda, ou institucionais, já que estamos entre psicanalistas. Uma ética do desejo de diferença absoluta é em sua práxis mesma um tratamento do narcisismo das pequenas diferenças, que é o que resta na obscenidade das massas quando ocorre a eliminação das singularidades.

Notas e referências bibliográficas:

¹ LACAN. J. O seminário, livro 7, *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 383.

² FREUD. S. “Psicologia das massas e análise do eu”. In: *Obras Completas*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 91.

³ _____ “Psicologia das massas e análise do eu”. traduzindo e citando Le Bon “É fácil provar quanto o indivíduo que faz parte de um grupo, difere do indivíduo isolado; mas não é tão fácil descobrir as causas dessa diferença.”. *Ibidem*, p. 96.

⁴ *Ibidem*, traduzindo e citando Le Bon, p. 100.

⁵ *Ibidem*, p. 95.

⁶ *Ibidem*, p. 109.

⁷ *Ibidem*, pp. 177-178.

⁸ Frase atribuída ora a Hitler ora a Goebbels.

⁹ RANK. O. aproxima essa fantasia do delírio paranoico. *El mito del nacimiento del héroe*. Buenos Aires: Paidós, 1981, p. 112.

¹⁰ FREUD. S. “Psicologia das massas e análise do eu”, *op. cit.*, p. 171.

¹¹ LACAN. J. “Ata de fundação da EFP” (1967). In: *Documentos para uma Escola*. Revista da Escola Letra Freudiana, nº 0. Rio de Janeiro, s/d. p. 17.

¹² FREUD. S. “Psicologia das massas e análise do eu”. *Op. cit.*, p. 108. “Massenpsychologie und Ich-Analyse”. In: *Gesammelte Werke*. Frankfurt: S. Fischer Verlag, vol. XIII, 1967, p. 89.

¹³ _____ “Psicologia das massas e análise do eu”, *op. cit.*, p. 157.

¹⁴ *Ibidem*. “Massenpsychologie und Ich-Analyse”, *op. cit.*, p. 138. “Os indivíduos massificados achavam-se sujeitos a vínculos, tais como os que percebemos atualmente; o pai da horda primeva, porém, era livre. [...] sua vontade (*Wille*) não precisava ser confirmada por outros. A congruência leva-nos a presumir que seu eu possuía poucos vínculos libidinais; ele não amava ninguém, a não ser a si próprio, ou a outras pessoas, na medida em que atendiam às suas necessidades. Aos objetos, seu eu não dava mais que o estritamente necessário.” FREUD. S. *Ibidem*, p. 156-157.

¹⁵ O desejo que em estado puro da moral kantiana do dever se confunde com a vontade de gozo sadéana é “aquele mesmo que termina no sacrifício, propriamente falando, de tudo que é objeto do amor em sua ternura humana – digo mesmo, não somente na rejeição do objeto patológico, mas também em seu sacrifício e em seu assassinio”. LACAN. J. O seminário, livro 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, (1964). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1979, p. 260.

¹⁶ FREUD. S. “Sobre o narcisismo: uma introdução”. In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974, vol. XIV, p. 119.

¹⁷ BECKER. S. “A idealização da pulsão na parafrenia moderna, nacional populismo, nazismo e devastação (*Shoah*)”.

¹⁸ O matriarcado que precedeu o pai da horda foi descrito por “Bachofen [1861] que foi, por sua vez, substituída pela organização patriarcal da família.” FREUD. S. “Totem e Tabu”. In: *Obras Completas*, vol. XIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 173.

¹⁹ FREUD. S. “Psicologia das massas e análise do eu”, *op. cit.*, p. 170. “*Massenpsychologie und Ich-Analyse*”, *op. cit.*, p. 151.

²⁰ *Ibidem*, p. 171. “*Massenpsychologie und Ich-Analyse*”, *op. cit.*, p. 152.

²¹ *Ibidem*. “*Massenpsychologie und Ich-Analyse*”, *op. cit.*, p. 152. As Notas 12, 14, 19, 20 e 21 referem-se a citações traduzidas a partir do original alemão por BECKER. S.

²² FREUD. S. em “Totem e Tabu” considerando com vários pesquisadores que a exogamia entre grupos desde os tempos primordiais constituía prática geral e que “o matrimônio com uma mulher do próprio grupo pouco a pouco veio a ser considerado inapropriado e fora do comum”, *op. cit.*, p. 148.

²³ _____ “Psicologia das massas e análise do eu”, *op. cit.*, p. 159.

²⁴ *Ibidem*, p. 119 e p. 127.

²⁵ *Ibidem*, p. 127.

²⁶ FREUD. S. “Por que a guerra?” (1932). In: *Obras Completas*, vol. XXII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976, p. 256.

²⁷ “Aquele que goza de todas as mulheres, imaginação inconcebível, posto que é normalmente perceptível que já é muito dar conta de uma” LACAN. J. O seminário, [Livro livro 17](#), *O avesso da psicanálise* (1969-1970). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992, pp. 116-117.

²⁸ “O mito é isso, a tentativa de dar forma épica ao que opera pela estrutura” LACAN. J. “Televisão” (1973). *In: Outros escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003, p. 531.

²⁹, LACAN. J, O seminário, livro 17, *O avesso da psicanálise, op. cit.*, p. 180.

³⁰ _____ Expressão presente na “Proposição sobre o psicanalista de escola” (1967), 1ª versão. *In: Documentos para uma Escola II – Lacan e o Passe*. Revista da Escola Letra Freudiana, nº 0’. Rio de Janeiro, 1983, p. 7.